



# Jesus, o Bom Pastor, aquele que dá a vida

## Jo 10,1-18 e sua base veterotestamentária

### (Sl 23 e Ez 34)

Jesus, the Good Shepherd, the one who gives life  
Jo 10:1-18 and its old testament basis (Ps 23 and Ez 34).

*Waldecir Gonzaga\**

PUC-Rio

*José Rodrigues da Silva Filho\*\**

PUC-Rio

Recebido em: 30/11/2022. Aceito em: 09/12/2022.

**Resumo:** O artigo tem como escopo fazer uma análise da figura de Jesus, o “Bom Pastor”, em Jo 10,1-18, tendo presente sua base veterotestamentária (Sl 23 e Ez 34) e as sete autoafirmações de Cristo a partir da expressão “ἐγὼ εἰμι/ eu sou” com algum predicado, ao longo do IV Evangelho: caminho, verdade e vida (Jo 14,6), luz do mundo (Jo 8,12), Bom Pastor (Jo 10,11.14), porta (Jo 10,7.9), videira (Jo 15,1.5), pão da vida (Jo 6,35.48.51), ressurreição e vida (Jo 11,25). Busca-se analisar como a metáfora do “Bom Pastor” contribui para explicitar quem é Jesus e sua missão. Oferece-se segmentação e tradução do texto de Jo 10,1-18, notas de crítica textual, análise da base do AT e das sete ocorrências da expressão “ἐγὼ εἰμι/eu sou” com predicado. Enfim, procura-se

\* Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana, PUG, Roma, 2006). Mestre em Teologia Bíblica (Pontifícia Università Gregoriana, PUG, Roma, 2000). Licenciado em Filosofia (Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato, FACITOL, 1994). Bacharel em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo, São Paulo, SP, 1993). Bacharel em Filosofia (Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto, CEARP, Ribeirão Preto, SP, 1987). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-RJ.

E-mail: waldecir@hotmail.com.

\*\* Mestrando em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ). Graduado em Teologia (Seminário Maior São João XXIII, SMSJ, Porto Velho, RO, 2017). Graduado em Filosofia, Faculdade Católica de Rondônia, FCR, Porto Velho, RO, 2013).

E-mail: jose83rodrigues@hotmail.com.





*entender como Cristo foi assumido como “aquele que é”, em consonância com a tradição judaica, a partir de Ex 3,14.*

**Palavras-chave:** João; Jesus; Eu sou; pastor; porta; ovelha.

**Abstract:** *The scope of the article is to analyze the figure of Jesus, the “Good Shepherd”, in Jo 10,1-18, bearing in mind its Old Testament basis (Ps 23 and Eze 34) and the seven self-affirmations of Christ from the expression “ἐγὼ εἶμι/ I am” with some predicate, throughout the IV Gospel: way, truth and life (Jn 14,6), light of the world (Jn 8,12), Good Shepherd (Jn 10,11.14), door (Jn 10,7.9), vine (Jn 15,1.5), bread of life (Jn 6,35.48.51), resurrection and life (Jn 11,25). It seeks to analyze how the metaphor of the “Good Shepherd” contributes to explain who Jesus is and his mission. Are offered segmentation and translation of the text of Jo 10,1-18, notes on textual criticism, analysis of the OT base and the seven occurrences of the expression “ἐγὼ εἶμι/ I am” with predicate are offered. Finally, it seeks to understand how Christ was assumed as “the one who is”, in line with the Jewish tradition, from Ex 3,14.*

**Keywords:** John; I am; Jesus; shepherd; door; sheep.

## Introdução

A perícopre Jo 10,1-18 evidencia o mistério salvífico de Deus revelado no Filho. Ele possui todas as virtudes de quem realmente é o verdadeiro pastor, anunciado na Escritura veterotestamentária e almejado ansiosamente por todos quantos esperavam o cuidado, o pastoreio e a presença libertadora do Messias. Nesta perícopre, Jesus fala em primeira pessoa, empregando o “ἐγὼ εἶμι/eu sou”, com toda a riqueza que o simboliza, como aparece em outros textos ao longo do IV Evangelho. Nesta figura antiga e conhecida, que é a do pastor, João narra o distintivo de Jesus, como aquele que é o “Bom Pastor”, o qual doa sua vida em prol do rebanho. O evangelista tem consciência de que em Jesus concretiza-se a promessa de Deus, anunciada em Ez 34 e no Sl 23. Ele é o pastor visível da metáfora anunciada por meio da Escritura e da cultura de Israel.

Os contemporâneos de Jesus estavam familiarizados com esta realidade pastoril, bem como a conotação bíblica referente à imagem do pastor. Segundo Bruce, Jesus, na sua “paroimia”, provérbio com tudo o que envolve um apascentador de rebanho (redil, porteiros, a dimensão do cuidado, da proximidade, do conhecer e ser conhecido), fala e as ovelhas têm a capacidade de ouvirem sua voz e serem conduzidas por ele<sup>1</sup>. Enraizado na cultura agrícola palestinese e ancorado na leitura

<sup>1</sup> BRUCE, Frederick Fyvie. *João. Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 194-195.



veterotestamentária, Jo 10,1-18, na compreensão de Orlando<sup>2</sup>, vai além e apresenta Jesus não só como o pastor autorizado a passar pela porta, mas como sendo Ele mesmo a Porta e o Bom Pastor, da liberdade e da vida plena, divergindo das outras figuras também conhecidas, como o lobo, o ladrão e o mercenário.

Jesus é o “Bom Pastor” que doa a sua vida à humanidade. Essa sua autoridade vem da liberdade de fazer-se obediente ao desígnio de Deus e em unir o seu querer de Filho com o querer do Pai. Segundo Fabris e Maggioni, nesta dimensão, liberdade e obediência coincidem; a morte redentora de Jesus Cristo, seu poder de doar a vida e a autoridade para ressuscitar são frutos da liberdade, do amor, da doação e da vontade obediente, por isso, sua ação é salvífica<sup>3</sup>. Dessa maneira, Jesus doa sua vida em favor das suas ovelhas para que elas tenham vida. Para tanto, o desejo de Jesus é o de conduzir inclusive as outras ovelhas, pois Ele é o único Pastor, o que ama de verdade, mesmo que isso implique na doação total de sua vida na cruz.

Ele conhece suas ovelhas e elas também o conhecem, a exemplo do conhecimento existente entre o Pai e o Filho; o rebanho escuta sua voz e o segue. Pérez Millos observa que o conhecimento mútuo entre o Bom Pastor e as suas ovelhas é reflexo do conhecimento infinito e eterno que há entre o Pai e o Filho, da mesma forma que o amor mútuo que existe entre o Pastor e o rebanho é reflexo do amor recíproco entre o Pai e o Filho<sup>4</sup>. O verbo “γινώσκω/*conhecer*” ocorre quatro vezes em Jo 10,14-15. Para Hendriksen, o conhecimento que Jesus indica haver entre Ele e as ovelhas é imagem da experiência de comunhão plena de amor existente entre Ele e o Pai<sup>5</sup>. Isso significa conhecer Jesus o “eu sou” com toda a sua plenitude.

João apresenta Jesus como o “ἐγώ εἰμι/*eu sou*”. Este artigo analisará as sete ocorrências em que ἐγώ εἰμι aparece com predicados, não segundo a ordem descrita no Evangelho, mas a partir de um significado crescente da revelação de quem é Jesus. Examinará por primeiro a

<sup>2</sup> ORLANDO, Luigi. *Giovanni: Il Vangelo della Vita*. Itália: Ecumenica Editrice Scrl, 2022. p. 167-169.

<sup>3</sup> FABRIS, Reinaldo; MAGGIONI, Bruno, *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 386.

<sup>4</sup> PÉREZ MILLOS, Samuel. *Juan. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento*. Barcelona, 2016. p. 1011.

<sup>5</sup> HENDRIKSEN, Willian. *João. Comentário do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014. p. 409.



expressão “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), e seguirá uma ordem crescente dos predicados: Luz do mundo (Jo 8,12), Bom Pastor (Jo 10,14), Porta (Jo 10,7-9), Videira (Jo 15, 1-5), Pão da vida (Jo 6,35.48.51), e, por fim, “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25). O “ἐγώ ειμι/ *eu sou*” transcende o tempo e o espaço, e, gradativamente, revela o divino. Jesus não era só um profeta, o ἐγώ ειμι evoca o nome divino do AT, a exemplo do que temos em Ex 3,14: ἐγώ ειμι. Pedagogicamente, o autor do evangelho revela progressivamente o Verbo encarnado obediente ao mandamento do amor do Pai.

## 1 Segmentação e tradução de Jo 10,1-18

Ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν,	1 <sup>a</sup>	Em verdade, em verdade, vos digo
ὁ μὴ εἰσερχόμενος διὰ τῆς θύρας εἰς τὴν αὐλήν τῶν προβάτων	1b	O que não entra pela porta do redil das ovelhas,
ἀλλ’ ἀναβαίνων ἀλλαχόθεν	1c	mas sobe por outro local,
ἐκεῖνος κλέπτης ἐστὶν καὶ ληστής·	1d	Aquele é ladrão e salteador;
ὁ δὲ εἰσερχόμενος	2 <sup>a</sup>	mas o que entra
διὰ τῆς θύρας ποιμὴν ἐστὶν τῶν προβάτων.	2b	pela porta é pastor das ovelhas.
τούτῳ ὁ θυρωρὸς ἀνοίγει	3 <sup>a</sup>	A este o porteiro abre
καὶ τὰ πρόβατα τῆς φωνῆς αὐτοῦ ἀκούει	3b	e as ovelhas escutam sua voz
καὶ τὰ ἴδια πρόβατα φωνεῖ κατ’ ὄνομα	3c	e ele chama as próprias ovelhas pelo nome
καὶ ἐξάγει αὐτά.	3d	e as conduz para fora.
ὅταν τὰ ἴδια πάντα ἐκβάλῃ,	4a	Quando levar para fora todas as próprias (ovelhas)
ἔμπροσθεν αὐτῶν πορεύεται	4b	vai à frente (diante) delas
καὶ τὰ πρόβατα αὐτῷ ἀκολουθεῖ,	4c	E as ovelhas o seguem,
ὅτι οἶδασιν τὴν φωνὴν αὐτοῦ·	4d	porque conhecem a sua voz;
ἀλλοτρίῳ δὲ οὐ μὴ ἀκολουθήσουσιν,	5a	A um estranho, porém, jamais seguirão,
ἀλλὰ φεύξονται ἀπ’ αὐτοῦ,	5b	mas fugirão dele,
ὅτι οὐκ οἶδασιν τῶν ἀλλοτρίων τὴν φωνήν.	5c	porque não conhecem a voz dos estranhos.
Ταύτην τὴν παροιμίαν εἶπεν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς,	6a	Jesus lhes disse essa história <sup>6</sup> ,

<sup>6</sup> Uma outra possibilidade de tradução seria: narrativa, metáfora, ditado, dito ou comparação, visto eu João não usa o termo “parábola”.



ἐκεῖνοι δὲ οὐκ ἔγνωσαν	6b	Aqueles, porém, não compreenderam
τίνα ἦν ἃ ἐλάλει αὐτοῖς.	6c	o significado das coisas que lhes dizia.
Εἶπεν οὖν πάλιν ὁ Ἰησοῦς·	7a	Disse, pois, novamente Jesus,
ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν	7b	em verdade, em verdade, vos digo,
ὅτι ἐγώ εἰμι ἡ θύρα τῶν προβάτων.	7c	que eu sou a porta das ovelhas.
πάντες ὅσοι ἤλθον [πρὸ ἐμοῦ]	8a	Todos os que vieram [antes de mim]
κλέπται εἰσὶν καὶ λησταί	8b	são ladrões e salteadores;
ἀλλ' οὐκ ἤκουσαν αὐτῶν τὰ πρόβατα.	8c	mas as ovelhas não lhes deram ouvido.
ἐγώ εἰμι ἡ θύρα·	9a	Eu sou a porta.
δι' ἐμοῦ ἐάν τις εἰσέλθῃ	9b	Se alguém entrar por mim,
σωθήσεται	9c	será salvo;
καὶ εἰσελεύσεται	9d	e entrará
καὶ ἐξελεύσεται	9e	e sairá
καὶ νομὴν εὐρήσει.	9f	e achará (encontrará) pastagem.
ὁ κλέπτης οὐκ ἔρχεται	10a	O ladrão não vem
εἰ μὴ ἵνα κλέψῃ	10b	se não para roubar,
καὶ θύσῃ	10c	e matar
καὶ ἀπολέσῃ·	10d	e destruir.
ἐγὼ ἤλθον	10e	Eu vim
ἵνα ζωὴν ἔχωσιν	10f	para que tenham vida
καὶ περισσὸν ἔχωσιν.	10g	e a tenham em abundância
Ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλός.	11a	eu sou o bom pastor.
ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς τὴν ψυχὴν αὐτοῦ τίθεισιν ὑπὲρ τῶν προβάτων·	11b	O bom pastor entrega a sua vida pelas ovelhas.
ὁ μισθωτὸς καὶ οὐκ ὢν ποιμὴν,	12a	O mercenário, e não sendo pastor,
οὗ οὐκ ἔστιν τὰ πρόβατα ἴδια,	12b	de quem as ovelhas não lhe são próprias
θεωρεῖ τὸν λύκον ἐρχόμενον	12c	percebe o lobo vindo
καὶ ἀφήσιν τὰ πρόβατα	12d	E abandona (deixa) as ovelhas
καὶ φεύγει-	12e	e foge,
καὶ ὁ λύκος ἀρπάζει αὐτὰ	12f	e o lobo as extorque
καὶ σκορπίζει-	12g	e dispersa
ὅτι μισθωτὸς ἔστιν	13a	porque é mercenário
καὶ οὐ μέλει αὐτῷ περὶ τῶν προβάτων.	13b	e não lhe importam a respeito das ovelhas.



Ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς	14a	Eu sou o bom pastor
καὶ γινώσκω τὰ ἔμα	14b	E conheço as minhas (ovelhas)
καὶ γινώσκουσίν με τὰ ἐμά,	14c	e elas me conhecem,
καθὼς γινώσκει με ὁ πατήρ	15a	como o Pai me conhece
κἀγὼ γινώσκω τὸν πατέρα,	15b	E eu conheço o Pai,
καὶ τὴν ψυχὴν μου τίθημι ὑπὲρ τῶν προβάτων.	15c	e a minha vida entrego pelas (pela vida das) ovelhas.
καὶ ἄλλα πρόβατα ἔχω	16a	E tenho outras ovelhas
ἃ οὐκ ἔστιν ἐκ τῆς αὐτῆς ταύτης·	16b	as quais não são deste redil.
κάκεῖνα δεῖ με ἀγαγεῖν	16c	também aquelas é preciso conduzir
καὶ τῆς φωνῆς μου ἀκούσουσιν,	16d	e a minha voz elas ouvirão,
καὶ γενήσονται μία ποίμνη, εἰς ποιμὴν.	16e	e se tornarão um (só) rebanho, um (só) pastor
Διὰ τοῦτό με ὁ πατήρ ἀγαπᾷ	17a	Por isso o Pai me ama
ὅτι ἐγὼ τίθημι τὴν ψυχὴν μου,	17b	porque eu entrego minha vida
ἵνα πάλιν λάβω αὐτήν.	17c	para novamente readquiri-la.
οὐδεὶς αἶρει αὐτὴν ἀπ' ἐμοῦ,	18a	Ninguém a tira de mim
ἀλλ' ἐγὼ τίθημι αὐτὴν ἀπ' ἐμαυτοῦ.	18b	mas eu a entrego por mim mesmo.
ἐξουσίαν ἔχω θεῖναι αὐτήν,	18c	Tenho o poder (autoridade) para entregá-la
καὶ ἐξουσίαν ἔχω	18d	e tenho o poder de retomá-la
πάλιν λαβεῖν αὐτήν·	18e	novamente recebê-la.
ταύτην τὴν ἐντολὴν ἔλαβον παρὰ τοῦ πατρός μου.	18f	Este o mandamento (preceito) recebi da parte do meu Pai.

## 2 Notas de crítica textual

O aparato da NA28 traz várias notas de crítica textual para o texto de Jo 10,1-18. Escolhemos algumas que julgamos ser mais expressivas para uma chave de leitura do texto.

No v.3, no lugar de “*πρόβατα/ovelhas*”, um substantivo nominativo neutro plural de “*τό πρόβατον/a ovelha*”, alguns poucos manuscritos apresentam as variantes no diminutivo “*πρόβατια/ovelhinhas*” (ϕ<sup>66</sup> b q); outra mudança de variante se dá em relação ao verbo “*φωνεῖ/chama*”, ind. pres. at. 3 pes. sing. de “*φωνέω/chamar*”, que alguns manuscritos trazem “*καλεῖ/chama*”, ind. pres. at. 3 pes. sing. de “*καλέω/chamar*” (K Γ Δ ⊕ f<sup>3</sup> 700. 892. 1424 ℳ). Como se percebe, o sentido não muda e em nada afeta na interpretação do texto. Ademais, para a manutenção das duas variantes, “*πρόβατα/ovelhas*” e “*φωνεῖ/chama*”, os membros



do Comitê central para a NA28 basearam-se nos manuscritos que as sustentam (*txt* ρ<sup>66.75</sup> κ A B D L W Ψ f<sup>3</sup> 33. 565. 579. 1241. / 2211), sem de maior grandeza e apoio para os critérios externos.

No v.7, no lugar de “ἡ θύρα<sup>a</sup>/a porta”, amplamente apoiada por manuscritos de maior grandeza (ρ<sup>66</sup> κ A B D W Γ Δ *etc.*, *maiúsculos e minúsculos*), alguns manuscritos apresentam a leitura “ὁ ποιμην/ o pastor”, como ocorre em ρ<sup>75</sup> *as ac cw*; provavelmente trata-se de uma melhoria inicial no texto, introduzida por copistas que julgaram que a expressão “a porta das ovelhas” seria difícil para a compreensão<sup>7</sup>. Além do apoio externo, dos muitos manuscritos, e tendo em vista que a *lectio difficilior* é a preferível, opta-se por manter a variante ἡ θύρα<sup>8</sup>.

No v.8, ocorre a expressão ἤλθον [πρὸ ἐμοῦ]<sup>9</sup> (*vieram [antes de mim]*), com parte entre colchetes. Segundo Metzger, “não é tão simples decidir”<sup>9</sup> a respeito do local da presença do termo “πρὸ ἐμοῦ/*antes de mim*”, se vem antes ou depois do verbo “ἔρχομαι/*vir, ou estou vindo*”, se os copistas acrescentaram antes ou depois, com alguma finalidade de corrigir algum aspecto da leitura; por detrás estaria uma condenação de todos os que “vieram antes de mim”. Constitui-se em uma sentença dura, pois condena os líderes veterotestamentários, os quais seriam colocados como ladrões. Fato é que há copistas que acrescentaram πρὸ ἐμοῦ antes do verbo, pois se encontram em vários manuscritos, a exemplo de Θ f<sup>1</sup> 565. 12211, que trazem a construção “πρὸ ἐμοῦ ἤλθον/*antes de mim vieram*” e não após, “ἤλθον πρὸ ἐμοῦ/*vieram antes de mim*”. O fato de terem sido colocadas depois do verbo (“ἤλθον/*vieram*”), as duas palavras (“πρὸ ἐμοῦ/*antes de mim*”), de fato, parecem ter um peso secundário. Para tal análise, o Comitê se baseiou nos manuscritos de maior grandeza para o Evangelho de João, como ρ<sup>66</sup> κ<sup>2a</sup> A B D K L W Ψ f<sup>3</sup> 33. 579. 700. 1241 pm sy<sup>h\*\*</sup>; Lcf e alguns outros poucos manuscritos exibem somente o verbo ἤλθον ind. aor. at. 3<sup>a</sup> pes. pl., indicando apenas “os que vieram”; alguns copistas, a fim de diminuir o impacto da afirmação, fazem uma correção e omitem o adjetivo “πάντες/*todos*”, ἤλθον ρ<sup>45</sup> vid. 75 κ<sup>\*.2b</sup> Γ Δ 892<sup>s</sup>. 1424 pm lat sv<sup>s.p</sup> *as ly pbo*, vista a dramaticidade da afirmação

<sup>7</sup> METZGER, Bruce M. *Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego*. Brasil: Sociedades Bíblicas Unidas, 2005. p. 195.

<sup>8</sup> GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; CORRÉALIMA, Maria de Lourdes. *Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015. p. 221.

<sup>9</sup> METZGER, 2005, p. 195.



(“πάντες ὅσοι ἦλθον [πρὸ ἐμοῦ]/*todos os que vieram [antes de mim]*”), deixando apenas: “ὅσοι ἦλθον [πρὸ ἐμοῦ]/ *os que vieram [antes de mim]*”; Enfim, devido à incerteza a respeito da variante, se antes ou depois, de deixar ou retirar, pois o peso dos manuscritos é grande para as duas possibilidades (presença ou ausência), os membros do Comitê central para a NA28 preferiram colocar “πρὸ ἐμοῦ/*antes de mim*” entre colchetes “[πρὸ ἐμοῦ]/*[antes de mim]*”, visto que a leitura merece ainda ser melhor esclarecida, deixando a expressão: “ἦλθον [πρὸ ἐμοῦ]/*vieram [antes de mim]*” e também nós optamos por manter a variante no texto e da forma como está indicada.

No v.11, encontra-se a variante “τίθησιν/*entregar*” antes da expressão “τὴν ψυχὴν/*a alma*”. Observa-se que o termo e “τὴν ψυχὴν/*a alma*”, constituindo a sentença “τίθησιν τὴν ψυχὴν/*entregar a vida*”, é um termo próprio do Evangelho de João. Vários manuscritos têm διδωσιν, do verbo “διδωμι/*dar*”, “διδωσιν τὴν ψυχὴν/*dar a vida*”, a exemplo do  $\varphi^{45}$   $\kappa^*$  D lat sy<sup>s</sup> pbo bo, usando a fórmula própria dos Evangelhos Sinóticos (Mt 20,20; Mc 10,45), como também se encontra no AT (Ez 34,11-16.23; 37,24). O emprego de διδωσιν pode tratar-se de uma litura harmonizada<sup>10</sup> com os Sinóticos. Por isso, opta-se por manter a variante τίθησιν. Da mesma forma, no v.15, a NA28 apresenta “τίθημι/*entrego*”, verbo ind. pres. at. 1<sup>a</sup> pes. sing., e evidencia alguns manuscritos que optam pelo verbo “διδωμι/*doar*”  $\varphi^{45.66}$   $\kappa^*$  D W pbo.<sup>11</sup> Tendo presente os manuscritos que sustentam a variante “τίθησιν/*entregar*” ao invés de “διδωσιν/*dar*”, e tendo em vista que a *lectio difficilior* é a preferível, opta-se por manter a variante “τίθησιν/*entregar*”, própria do IV Evangelho.

No v.16, a variante “γενήσονται/*se tornarão*”, no ind. fut. médio 3<sup>a</sup> pes. pl. do verbo “γίνομαι/*ter, gerar*”, que ocorre em  $\varphi^{45}$   $\kappa^2$  B D L W  $\Theta$   $\Psi$  1. 33. 565. 1424. l 2211 f vg<sup>ms</sup> sy<sup>hmg</sup>; Cl (Div), acha-se na forma singular em alguns manuscritos, “γενήσεται/*haverá*”, como  $\varphi^{66}$   $\kappa^*$  A K  $\Gamma$   $\Delta$  f<sup>13</sup> 579. 700. 892<sup>s</sup> 1241  $\aleph$  lat sy. É importante dizer que a variante não apresenta mudanças no sentido do texto, e que o singular pode ser uma correção estilística. Contudo, a forma no plural tem uma leve vantagem em vários manuscritos, como indicado pelos membros do Comitê central para a NA28. Ainda no v.16, Metzger traz uma observação interessante acerca da presença de “μία ποιμνὴ/*um só rebanho*”:

<sup>10</sup> GONZAGA, 2005, p. 221.

<sup>11</sup> CARVALHO, Adriano da Silva. *A Crítica e o Texto do Novo Testamento*. São Paulo: Reflexão, 2017. p.131.





*com exceção das leituras da Vulgata Latina, todas as testemunhas conhecidas têm a leitura “um rebanho”. Wycliffe e os tradutores da Grande Bíblia de Cromwell, assim como a Bíblia de Genebra, a Bíblia dos Bispos, a Bíblia Rheims-Douay e a Bíblia Autorizada King James, seguiram a tradução errônea de Jerônimo, unum ovile (um redil)<sup>12</sup>.*

No **v.18**, no lugar da variante “αἶρει/tira”, um ind. pres. at. 3ª pes. sing. do verbo “αἶρω/tirar”, na expressão “οὐδεὶς αἶρει αὐτὴν ἀπ’ ἐμοῦ/ninguém a tira de mim” (a minha vida), alguns manuscritos trazem no aoristo “ἤρην/tirou”, “οὐδεὶς ἤρην αὐτὴν ἀπ’ ἐμοῦ/ninguém tirou de mim”, tratando-se sempre da vida, a exemplo de ϛ<sup>45</sup> κ\* B. Com isso, constata-se que a variante “ἤρην/tirou” também possui apoio de excelente qualidade<sup>13</sup>; sendo uma leitura mais difícil acaba sendo preferida por alguns, porém, o número dos manuscritos de peso que apoiam esta leitura não a sustentam. Ao optarem pelo aoristo, os estudiosos explicam a opção por leitura comparando-a com outros textos joaninos, que mencionam outras tentativas anteriores de “matar/tirar a vida”, no entanto, seus adversários não tiveram êxito (Jo 5,18; 7,25; 8,59). Outros realizam uma comparação, fazendo menção à crucificação de Jesus como um acontecimento anterior ao texto do Evangelho<sup>14</sup>, igualmente de difícil sustentação. Portanto, adota-se a opção assumida pela NA28 (“οὐδεὶς αἶρει αὐτὴν ἀπ’ ἐμοῦ/ninguém a tira de mim”), visto que o presente indicativo oferece maior clareza para a compreensão da perícope Jo 10,1-18.

### 3 Base veterotestamentária

A figura do pastor, como aparece no Antigo Testamento, é significativa para os filhos de Israel. O autor do Evangelho de João retrata Jesus como sendo o Messias e Pastor esperado, coadunando Jo 10,1-18 com sua base veterotestamentária (Sl 23 e Ez 34). O evangelista faz traçar um paralelismo com a imagem do pastor de Ez 34, como sendo aquele que procura a ovelha que se perdeu. Ele é o Pastor que vai reunir as ovelhas dispersas, cuidar, apascentar, proteger, salvá-las e conduzi-las para a liberdade. A metáfora do “Bom Pastor”, em Jo 18,1-18, é o desfecho do

<sup>12</sup> METZGER, 2005, p. 196. (tradução nossa).

<sup>13</sup> ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *O Texto do Novo Testamento*. Introdução às Edições Científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da Moderna Crítica Textual. São Paulo: SBB, 2013. p. 194-195.

<sup>14</sup> METZGER, 2005, p. 196.



oráculo do Senhor YHWH para com o seu povo: “E vós, minhas ovelhas, vós sois o rebanho humano da minha pastagem e eu sou o vosso Deus” (Ez 34,31). Em todos os sentidos, a missão do pastor gera esperança e confiança no ser humano, tendo em vista que “ele me guia por caminhos de justiça, por causa do seu nome” (Sl 23,3).

O texto de Jo 10 inicia com o discurso direto com a solene expressão: “em verdade, em verdade” (v.1), sem nenhuma outra indicação, levando a crer que seja o mesmo contexto da festa das Tendias, narrada em Jo 7-9, dentro de um momento de embate com os fariseus<sup>15</sup>. Em Jo 9,34-35 evidencia a incongruência entre a atitude dos fariseus, que expulsam os fiéis, e Jesus que, ao contrário, vai ao encontro e acolhe os que n’Ele confiam. Segundo Königs, “o contraste chama à mente os líderes de Israel, tradicionalmente chamados ‘pastores’ – quer reúnam, quer destruam o rebanho”<sup>16</sup>. Destarte, o tema “o Bom Pastor”, tem como pano de fundo a história e a teologia veterotestamentárias, daí a afirmação decidida: “Todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores” (Jo 10,8). Esta crítica, aos líderes políticos e religiosos de Israel, revela o seu messianismo.

Para além, na cena rural da Palestina, a história do “Bom Pastor” perpassa tanto o AT quanto o NT. Para o AT, os textos que merecem atenção são: Sl 23; Ez 34,24-31; Ex 37,21-28. Os motivos mais importantes nestes textos veterotestamentários são o grande amor de Deus para com o seu povo, a eleição, a comunhão de vida a partir do mútuo conhecimento, o cuidado de Deus para com o seu povo, o descrédito dos falsos pastores, o interesse de Deus em tirar seu povo do cativeiro e agrupá-lo, evitando dispersão<sup>17</sup>. As autoridades religiosas contemporâneas ao Evangelho de João são comumente as figuras do passado (Zc 11,17; 12,10). Como indicam Beale e Carson, “na mesma trajetória dos líderes judeus que resistiram à vontade de Deus e à revelação de Deus em tempos passados”<sup>18</sup>. Esta base veterotestamentária serve para apresentar Jesus como o “Pastor Messiânico”, esperado pelos personagens bíblicos<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> MALZONI, Cláudio Volney. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 184.

<sup>16</sup> KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. Amor e Fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005. p. 203.

<sup>17</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 384.

<sup>18</sup> BEALE, Gregory K.; CARSON, Donald Arthur. *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 577.

<sup>19</sup> JAUBERT, Anne. *Leitura do Evangelho Segundo João*. Caderno Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 76.



Ele se autodescreve com todos os traços do pastor o autorizado de Deus. O seu direito e conhecimento identificam que a sua missão é divina. Segundo Mateos e Barreto, a imagem do pastor representava, em primeiro lugar, o próprio Deus (Ez 34,11-15); e, depois, o futuro rei messiânico (Ez 34,23). Com esta história, implicitamente, Jesus é apresentado por João como aquele que se declara o Messias<sup>20</sup>. Exprime a relação do povo para com o seu Deus (Sl 23). Para León-Dufour, o cuidado do pastor é exposto de tal modo que abrange, ao mesmo tempo, o povo e a cada um dos seus integrantes de maneira individual<sup>21</sup>. Aos israelitas deportados, YHWH demonstra o seu poder e solicitude: “como um pastor que apascenta o seu rebanho, nos seus braços recolhem os cordeiros; e os toma no seu seio; ele conduz ao repouso as ovelhas que amamentam” (Is 40,11). Entre os judeus, alguns esperavam o Messias como o novo pastor de Israel.

Os profetas, no entanto, não deixaram de alertar contra os maus pastores porque eram um perigo óbvio para as ovelhas (Ez 34). De acordo com Cardona Ramírez, ter o pastor certo era uma questão de vida ou morte para o rebanho. Por esta razão, a Sagrada Escritura fala tanto da preocupação do pastor pelas ovelhas, bem como do perigo que elas sofrem se conduzidas por maus pastores<sup>22</sup>. Por isso, a preocupação e o empenho de Deus na pessoa do seu Filho Jesus para com os seus discípulos, a fim de libertá-los dos maus-pastores. Nos Evangelhos Sinóticos a imagem do pastor retrata aquele que vai ao encontro da ovelha que se perdeu ou que foi dispersada (Mt 9,36-38; Mc 6,34; 14,27). Conforme Fabris e Maggioni, vários textos bíblicos enfatizam aspectos característicos do “Bom Pastor”, mas em Jo 10,1-18, “todos estes aspectos se encontram reunidos, unificados e aprofundados”<sup>23</sup>. Consta que nesta história, João descreve não só o que diz respeito ao pastor, mas também em relação às ovelhas.

Jesus, usando a expressão clássica do AT, apresenta-se como o “Bom Pastor”, aquele que “arrisca a sua vida” em prol de suas ovelhas (Jz 12,3). O evangelista, utilizando a linguagem bíblica com todos os

<sup>20</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. Análise Linguística e Comentário Exegético. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 437.

<sup>21</sup> LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*. São Paulo: Loyola, 1996b. p. 247.

<sup>22</sup> CARDONA RAMÍREZ, Hernán. *El Evangelio Según San Juan*. Rasgo Bíblico y Teológico. Medellín: UPB, 2015. p. 115.

<sup>23</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 384.



seus símbolos (Sl 23; 74,1; 78,52; 79,13; Is 40,11; Jr 23,1-4; 31,10; Ez 34), O apresenta como o Pastor que doa a sua vida na cruz para resgatar o seu rebanho, expressando bem a sua vocação de Messias salvador da humanidade. A imagem do pastor tem uma história, não é tirada apenas da experiência. Ao usar esta imagem do pastor, Jesus conta com a sua experiência comum, mas também com a visão de todo o AT. Neste caso, a metáfora do pastor é significativa porque é ele quem mantém o rebanho unido<sup>24</sup>. O enviado é aquele que resgata tal imagem que era atribuída a Deus em várias passagens veterotestamentárias, que o identifica como sendo o Messias futuro que revela a interioridade de Deus<sup>25</sup>.

O rico pano de fundo veterotestamentário evidencia a coragem profética de Jesus, sendo o texto de Ez 34 mais propício para a compreensão da história do “Bom Pastor”; explicita bem o embate entre Ele e os líderes religiosos judaicos. Em Ezequiel, o Senhor repreende os pastores e líderes religiosos de Israel por matarem as ovelhas, usufruir da sua lã, leite e carne; mais ainda, adverte para o fato de que: “não restauraste o vigor das ovelhas abatidas, nem curaram a doente, nem enfaixaram a ferida, não conduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes sobre elas com dureza e violência” (Ez 34,4). O Pastor Divino insiste que as ovelhas são suas e os pastores humanos devem cuidar bem delas<sup>26</sup>. Nesta mesma linha, Malzoni afirma que:

*A imagem do Bom Pastor é profundamente bíblica, oriunda do ambiente cultural no qual a Bíblia surgiu. Inúmeros textos podem ser citados. Também a denúncia dos maus pastores é frequente. Quando se pensa em um texto que evoca a figura do pastor, logo vem à mente o Sl 23, que aplica o nome de pastor ao próprio Deus: “O Senhor é meu pastor, nada me falta!” (Sl 23,1). Na antologia de textos do Bom Pastor, não pode faltar: Nm 27, 16-17; Is 40,11; 49,9-10; 56,8; Jr 23,3; Ez 24,14-15.23; 37,24. No NT, a imagem é aplicada a Jesus em Hb 13,20; 1Pd 2,25, e anda em Ap 7,17: “Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e os conduzirá para fontes de águas da vida, e Deus enxugará toda a lágrima dos seus olhos”<sup>27</sup>.*

<sup>24</sup> MARCHESELLI, Maurizio. *II Quarto Vangelo*. La testimonianza del “discepolo che Gesù amava”. Reggio Emilia, San Lorenzo, 2012. p. 355.

<sup>25</sup> CASTRO SÁNCHEZ, Secundino. *Evangelio de Juan*. Compensión Exegético-existencial. Burgos: Fonte, 2021. p. 234.

<sup>26</sup> CARSON, Donald Arthur. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd, 2007. p. 382.

<sup>27</sup> MALZONI, 2018, p. 189.



Em Jo 10, o Pastor que entra pela porta, sua voz não é estranha às ovelhas, pois elas não lhe são anônimas, têm nome e ele as conhece e as chama, como se fossem filhos. Esta é uma imagem que também tem no AT: “Ele a criara e ela cresceu com ele e com os seus filhos, comendo do seu pão, bebendo na sua taça, dormindo no seu colo: era como sua filha” (2Sm 12,3). Segundo Könings, existe um relacionamento de profunda confiança, entre o pastor e o rebanho, exatamente porque se conhecem mutuamente<sup>28</sup>. Os autores veterotestamentários tinham em mente a ideia de pastores comuns, que se ajudavam na proteção dos rebanhos (Sl 74,1; 78,52; 79,13; 95,7; 100; Ez 34,31). De acordo com Beale e Carson, o conjunto de figuras dos pastores era de pastor principal, assistente e dos assalariados<sup>29</sup>. Antes de subir ao trono, Davi foi pastor, compreendido como o protótipo do pastoreio de Deus. Jesus espelhava este aspecto bíblico da história salvífica como o “Bom Pastor” por excelência.

De Abraão se dizia “Abrão era rico em rebanhos, em prata e ouro” (Gn 13,2). Se os rebanhos são considerados riquezas, segundo Cardona Ramírez, ao falar do povo de Israel como o rebanho do Senhor, então, Deus considera os seus como sendo sua riqueza mais importantes. Deus é comparado a um pastor, cujo rebanho é o povo de Israel<sup>30</sup>: “YHWH é meu pastor, nada me falta” (Sl 23,1); “Pastor de Israel, escutai, tu que conduzes a José como um seu rebanho, tu que sentas sobre os querubins, revela-te” (Sl 80,2); “Ele é nosso Deus; nós somos o povo que Ele apascenta, o rebanho de sua mão” (Sl 95,7). No NT, se concretiza a promessa do Senhor: “Eu mesmo apascentarei o meu rebanho, eu mesmo lhe darei repouso” (Ez 34,11). Jesus revela o cumprimento do desígnio de Deus, anunciado nos salmos e nos profetas.

Deus é o supremo pastor de todo Israel: “Não temas, porque eu resgatei-te, eu te chamo por teu nome; tu és meu” (Is 43,1). No entanto, no Filho, o Pai não esquece a individualidade de cada ovelha do seu rebanho. Por isso, Ele convoca cada uma pelo seu próprio nome, singularmente. Ao chamá-las pelo nome, o Senhor se interessa por cada uma que forma seu rebanho<sup>31</sup>. Se autorreferencia igualmente como “a porta das ovelhas” (Jo 10,7). Beale e Carson entendem que

<sup>28</sup> KONINGS, 2005, p. 204.

<sup>29</sup> BEALE; CARSON, 2014, p. 579.

<sup>30</sup> CARDONA RAMÍREZ, 2015, p. 117.

<sup>31</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 249.



esta “porta das ovelhas” encontra-se associada à leitura messiânica<sup>32</sup>, a partir da ideia do AT: “Esta é a porta de YHWH: os justos por ela entrarão” (Sl 118,20).

A base veterotestamentária em Jo 10,1-18, que desenvolve o assunto da reunião das ovelhas de Israel, tem similitude com Mt 10,6 e 15,24, com forte evidência de correlação com Ez 34. Segundo Beutler, a história do “Bom Pastor”, que doa sua vida, também se sustenta no Quarto Cântico do Servo Sofredor de YHWH (Is 53,13-53,12):

*O pensamento de que Jesus cumpre o “mandamento” do Pai e por isso goza seu amor (Jo 10,17s.) tem uma formulação que vem da teologia da Aliança. [...] Que Jesus dá sua vida “por” suas ovelhas parece vir do quarto cântico do Servo, Is 52,13-53,12. Este texto influenciou tanto a tradição sinótica (Mc 10,45 par: e o relato da Ceia, Mc 14,24 par.) quanto João (Jo 6,51c; 15,13 e o texto aqui em pauta). Para Jo 10 é importante, aqui, que o povo pelo qual morre o Servo é comparado, em Is 53,6, com “ovelhas errantes” e que a imagem da ovelha é aplicada também a ele mesmo (Is 53,7): como uma ovelha que é conduzida ao matadouro e como a ovelha que emudece diante dos tosquiadores, ele não abre sua boca<sup>33</sup>.*

Jesus é o Messias, mas com a sorte de profeta, assim, pode na cruz doar a sua vida para salvar o humano de sua maior opressão, a morte. Sendo ele mesmo a porta da possibilidade da vida plena que se abre para a eternidade e rompe as paredes do *redil* da finitude existencial do homem. Desta forma, entre ele e o seu rebanho há uma sintonia perfeita de prática e vida de unidade. Ele é aquela porta por onde a glória de Deus entrou e encheu o novo templo (Ez 43,4-5). Mas que permaneceu fechada para o povo. “YHWH disse-me: Este pórtico ficará fechado. Não se abrirá e ninguém entrará por ele, porque por ele entrou YHWH, o Deus de Israel, pelo que permanecerá fechado” (Ez 44,2). No entanto, segundo Mateos e Barreto, João inverte a circunstância da ordem narrada pelo profeta Ezequiel, na qual a glória retirou-se do templo profanado (Ez 10,4.18; 11,23), para retornar ao futuro templo, e aí se fechar [?] (Ez 43,4-5). Em Jo 7,14, a glória do Pai, entra no templo, para definitivamente abandoná-lo [?] (Jo 10,4.40). Ele, o enviado do Pai, o único autorizado a entrar por esta porta, obstinadamente, vai tirar o rebanho do templo

<sup>32</sup> BEALE; CARSON, 2014, p. 580.

<sup>33</sup> BEUTLER, Johannes. *O Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 258.



profanado<sup>34</sup>, pois não veio só para renovar a casa de Israel, mas para criar uma humanidade nova.

Em Ez 34,23-34, Davi é mencionado como o pastor escatológico, “tu, pastor de Israel” (Sl 80,2), sendo a maneira do salmista se referir ao Altíssimo. Para Marcheselli, na verdade, o pastor é Deus. Além disso, o pastor também é o rei: por um lado, porque Davi era realmente um pastor (1Sm 16,11); por outro lado, como Davi foi o maior, é descrito como o rei ideal de Israel. O governante de Israel é caracterizado com a imagem do pastor, com a função de prover o bem do povo<sup>35</sup>. Davi arriscava a sua vida lutando contra o urso e o leão para defender e cuidar do rebanho, por obediência e amor a seu pai Jessé (1Sm 17,34-37). Segundo Könings, a comunhão existente entre Jesus e os seus discípulos tem como raiz e origem a comunhão Dele com o Pai. Em virtude desta unidade, Ele arrisca a sua vida por suas ovelhas (Jo 10,17-18)<sup>36</sup>. Esta comunhão que o “Bom Pastor” realiza é a unidade escatológica do rebanho já descrita em Ez 34 e 37.

Ao se tratar de referências messiânicas, o profeta Zacarias cita que: Deus derramaria sobre a casa de Davi “um espírito de graça e de súplica”, a fim de que olhassem para um personagem “transpassado”. Beale e Carson afirmam: “por quem o povo lamenta, um pastor que é morto e cuja morte produz mudanças”<sup>37</sup> (Zc 12,10; 13,7-9; Mc 14,27; Jo 19,37; Ap 1,17). Deus é o pastor do seu povo, todavia procura sempre mediações, como Melquisedec, Moisés e Davi, para exercer a sua bênção e orientação pastoral (Gn 14,17-24; Ex 2,16; 3,1; 1Sm 16,11). Mas precisa ser bons pastores, pois muitas das vicissitudes do povo de Deus derivam da insensatez, fraqueza e irresponsabilidade com que muitos mediadores exerceram na história em nome de Deus<sup>38</sup>. O “Bom Pastor” é o mediador e o “Sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, elevado mais alto do que os céus [...] oferecendo-se a si mesmo.” (Hb 7,26-27). Na virtude deste Mediador, Deus apascenta o seu povo.

O cuidado providencial de Deus como pastor que unifica o seu povo está fortemente enraizado na literatura profética do AT (Jr 3,15;

<sup>34</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 437.

<sup>35</sup> MARCHESELLI, 2012, p. 356.

<sup>36</sup> KONINGS, 2005, p. 207.

<sup>37</sup> BEALE; CARSON, 2014, p. 580.

<sup>38</sup> SIMOENS. Yves. *Secondo Giovanni*. Una traduzione e un'interpretazione. Bologna: EDB, 2002. p. 422.



23,4-6; Ez 34,23-24; 37,15-28; Mq 2,12; 5,3-5). Segundo Beale e Carson, o texto de Jo 10,1-18 refere-se à união entre judeus e gentios numa comunidade Messiânica (Ef 2,11-22; 4,3-6). Embora encontre menção nos textos veterotestamentários (Is 56,6-8; Ez 37,15-28; Mq 2,12), a revelação plena dessa realidade acontece no NT, em Jesus, o “Bom Pastor”, que acolhe e reúne num único rebanho, gente de todas as nações<sup>39</sup>. Na Escritura e tradição judaicas, o termo pastor sempre foi ligado à imagem do governo de Deus e os seus representantes (Sl 23; 100; Ez 34,11-16). De acordo com Boring, esta metáfora do pastor também era empregada no mundo helênico para se referir ao bom governante; esta conexão hermenêutica facilitava a compreensão a cerca do “Bom Pastor” e a importância de segui-lo<sup>40</sup>.

#### 4 A expressão “ἐγώ εἰμι /eu sou” no Evangelho de João

Em todo o NT, o Evangelho de João concentra a maior ocorrência da expressão “ἐγώ εἰμι/eu sou” na boca de Jesus, de João Batista, do Evangelista e de Pilatos, por exemplo, sendo algumas de forma positiva (“ἐγώ εἰμι/eu sou”) e outras de forma negativa (“ἐγὼ οὐκ εἰμι/eu não sou”). Ao todo são 38 ocorrências, sendo que em sete menções há um diferencial, sempre na boca de Cristo, trazendo uma atribuição. Porém, na verdade, são 12 ocorrências, visto que algumas são mencionadas mais de uma vez: “eu sou o pão da vida”, 3 vezes (Jo 6,35.48.51); “eu sou a porta”, 2 vezes (Jo 1,7.9); “eu sou o bom pastor”, 2 vezes (Jo 10,11.14), “eu sou a videira”, 2 vezes (Jo 15,1.5). As sete ocorrências com predicado serão analisadas no próximo item. Aqui é apresentada uma visão panorâmica das menções e do valor da referida expressão no IV Evangelho.

Além disso, o Evangelho de João recorre ao “εἰμι/sou”, no indicativo presente ativo 1ª pessoa do singular do verbo “εἰμί/ser”, em um total de 51 vezes, sendo que por 13 vezes o verbo εἰμι é citado sozinho, dissociado do pronome ἐγὼ. Observa-se, a título de informação, que há 26 ocorrências da expressão “ἐγὼ εἰμι/eu sou” no IV Evangelho, em que o pronome “ἐγὼ/eu” (pronome pessoal nominativo singular de ἐγώ) é

<sup>39</sup> BEALE; CARSON, 2014, p. 581.

<sup>40</sup> BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento*. História, Literatura e Teologia. Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2016, p. 1227.





citado juntamente com o verbo “εἶμι/ser”. Todos estes dados têm como base o texto na língua original, conforme NA28; isso tendo em vista que as outras 7 ocorrências trazem um predicado (com 12 repetições).

Destas 38 citações no Evangelho de João, em 6 ocorrências encontram-se “οὐκ/não”, ou seja, um advérbio de negação de οὐ, sendo 3 na boca do precursor e 3 pronunciadas por Jesus: João Batista: “ἐγὼ οὐκ εἶμι ὁ χριστός/eu não sou o Cristo” (Jo 1,20), em que o Batista afirma a sua inferioridade a respeito a Jesus, o qual vem depois dele; aludindo à lei do Levirato (Dt 25-5-10; Rt 4,6-7; Gn 38; Mt 22,24), João, o Batista, não se acha digno de desamarrear as correias das sandálias de Cristo e afirma<sup>41</sup>: “οὐκ εἶμι [ἐγὼ]/não sou [eu]” (Jo 1,27). João, o Batista, é apresentado pelo evangelista como exemplo de ser humano que não só testemunha Jesus, porém, também, aceita a novidade da revelação. Ao tornar-se discípulo, ele sente alegria em seu “declínio” frente ao Messias sobre o qual ele solenemente afirma<sup>42</sup>: “οὐκ εἶμι ἐγὼ ὁ χριστός/não sou eu o Cristo” (Jo 3,28).

Há 3 ocorrências em que o Filho de Deus usa “οὐκ/não”, um advérbio de negação: “ἐγὼ οὐκ εἶμι ἐκ τοῦ κόσμου τούτου/como eu não sou do mundo” (Jo 8,23); e, similarmente, no último discurso de Jesus, em que Ele reza por aqueles que o Pai lhe deu (Jo 17,9-19). Assim, como o Mestre, os seus discípulos encontram resistência por parte dos homens<sup>43</sup>. Os seguidores de Jesus, ao receberem a palavra do Pai, são odiados pelo mundo, à semelhança de Jesus, que declara: “καθὼς ἐγὼ οὐκ εἶμι ἐκ τοῦ κόσμου/como eu não sou do mundo” (Jo17,14). Jesus não pertence ao mundo, este dado, na verdade, não é negativo, mas positivo. Pois, não roga pelo mundo (Jo 17,9), antes, sendo Ele o enviado do Pai, denuncia-o como inimigo (Jo 8,26), que culminará em condenação (Jo 12,13) ao “mundo” e a seu chefe (Jo 16,11). Destarte, Jesus reitera: “ἐγὼ οὐκ εἶμι ἐκ τοῦ κόσμου/eu não sou do mundo” (Jo17,16).

O Evangelista indica que os judeus murmuravam contra Jesus, à semelhança de como os israelitas haviam se rebelado, no deserto, contra Deus e seu Servo Moisés (Ex 15,24; 16,2; 17,3; Nm 14,2). Na verdade, a reclamação dos judeus diz respeito à não compreensão da origem de

<sup>41</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 85.

<sup>42</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 313.

<sup>43</sup> BROWN, Reymond Edward. *Comentário ao Evangelho Segundo João II*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2020b. p. 1173.



Jesus que se autodeclara ser Ele mesmo “o pão da vida”: “ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς/*eu sou o pão da vida*” (Jo 6,35.48)<sup>44</sup>, ou “o pão descido do céu”: “ἐγώ εἰμι ὁ ἄρτος ὁ καταβὰς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ/*eu sou o pão que desceu do céu*” (Jo 6,41). Israel, como era de se esperar, “se nega a crer em Jesus. E mais que em outros povos, em Israel o decisivo era a atitude da totalidade do povo, não a de cada um de seus membros”<sup>45</sup>. Contudo, Jesus se identifica como o protótipo da vida nova. Esse mistério, no entanto, só será revelado plenamente na cruz, com a consumação de tudo: “τετέλεστα/*tudo está consumado*” (Jo 19,30).

Na mesma perspectiva, Pilatos também não reconhece Jesus e O interroga: “de onde és tu?” (Jo 19, 9). Esta dúvida a respeito da identidade de Jesus paira ao longo do Evangelho (Jo 4,25; 7,27; 8,14.25). Ironicamente, Pilatos pergunta: “μήτι ἐγὼ Ἰουδαῖός εἰμι;/*por acaso eu sou judeu?*” (Jo18,35). A intriga de Jesus por parte de seu povo confirma o anúncio feito no Prólogo<sup>46</sup>, “os seus não o acolheram” (Jo 1,11). O sarcasmo de Pilatos parece ser positivo à narrativa, pois o enviado do alto não era um romano, todavia alguém da linhagem de Davi: “ἡ σωτηρία ἐκ τῶν Ἰουδαίων ἐστίν/*a salvação vem dos judeus*” (Jo 4,22). Jesus reafirma que a tribo de Davi é depositária da revelação através da qual Deus se manifestaria ao mundo<sup>47</sup>.

Além das mênções anteriormente indicadas no IV Evangelho, localizam-se mais 18 ocorrências, todas positivas e pronunciadas pelo próprio Jesus. Em todas elas transparece a identidade de Jesus como o Messias, aquele que devia vir ao mundo, sempre com o emprego do verbo e do pronome: “ἐγώ εἰμι/*eu sou*” (Jo 4,26; 6,20; 7,34.36.39; 8,18.24.28.58; 9,9; 12,26; 13,19; 14,3; 17,24; 18,5.6.8.37). Jesus se manifesta como vida e luz, no entanto, sempre rejeitado pelas forças da morte e pelas trevas. Desde o Prólogo, o evangelista apresenta o dilema da rejeição por parte dos judeus e o insistente tema da vida, que clama por sobrevivência. Disso decorrem necessidades como: “nacer” (Jo 3,6), “pão da vida” (Jo 6,35.48) e água viva (Jo 7,38); romper com o mundo das travas para seguir a Jesus, luz do mundo (Jo 1,5; 9,5; 8,12); ainda,

<sup>44</sup> BOOR, Werner de. *Evangelho de João I*. Comentário Esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 2002. p. 163.

<sup>45</sup> BOOR, 2002, p. 163.

<sup>46</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 741.

<sup>47</sup> LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996a. p. 282.



para João, Jesus não é só a luz que advém, mas a luz presente no mundo, que, por sua ação, o julga<sup>48</sup>.

Ao vivenciar a existência de Jesus, a pessoa conhece a verdade que liberta (Jo 8,32), porque em Cristo se conhece o único Deus verdadeiro<sup>49</sup>. Se ninguém, de modo algum, via a Deus (Jo 1,18; 3;13; 5,37; 6,46; 8,19), para João, a novidade é que, a pessoa de Cristo, as palavras e ações proferidas por Ele, enfim, tudo Nele revela ao mundo quem é Deus. Quem conhece Jesus simultaneamente conhece o Pai (Jo 8,19; 14,7): “e quem vê Jesus vê o Pai (Jo 14,7.9; 12,45). Deus não permanece transcendente e oculto, mas se dá a conhecer em Jesus”<sup>50</sup>. Deus é revelado mediante aquele que Ele enviou, seu Filho (Mt 11,27; Lc 10,22). Ele é o *Logos* que se fez carne (Jo 1,14; 1Jo 1,1-4). Segundo Schmitz, “a comunhão com Deus, portanto, somente pode vir através da comunhão com Jesus, pois esta comunhão é o equivalente à comunhão entre Jesus e o Pai” (Jo 10,14-15)<sup>51</sup>. Assim, Jesus, ao afirmar, “ἐγώ ειμι/*eu sou*”, em todas as ocorrências, está revelando igualmente a sua unidade com o Pai.

## 5 Títulos que Jesus atribui a si mesmo

Nos Evangelhos, podemos encontrar títulos que Jesus atribui a si mesmo. Contudo, a abordagem aqui será apenas das autoafirmações de Jesus no Evangelho de João, a partir da expressão “Ἐγώ ειμι/*Eu Sou*”, verbo indicativo presente ativo 1ª pessoa do singular de εἶμι, seguida de um complemento de predicado nominal. De maneira semelhante ao “אֲנִי אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה/*Eu sou aquele que é*”, verbo *qal* imperf. 1ª pes. comum sing., da raiz verbal הִיָּה, segundo aparece em Ex 3,14. Nas Escrituras veterotestamentárias há várias ocorrências deste termo. No entanto, duas passagens destacam-se nos momentos cruciais da história do povo em que Deus se autodenomina como sendo o “Eu Sou”: Ex 3,14 e Is 43,10. Como afirma Ratzinger, “Ele é simplesmente. E isso significa naturalmente também que Ele está sempre ali, para os homens, ontem, hoje e

<sup>48</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 378.

<sup>49</sup> BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2021, p. 235.

<sup>50</sup> SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, Paulus, 2017, p. 869.

<sup>51</sup> SCHMITZ, Ernst Dieter. A Terminologia Conhecimento em João. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 404.



amanhã”<sup>52</sup>. Não por acaso, em João, são sete ocorrências do termo “ἐγώ ειμι/eu sou” precedidos por imagens autoexplicativas. Esta expressão, segundo Casalegno:

*É uma fórmula de revelação. Ela possui uma relação com a frase: ‘eu, o Senhor’ (anî Yhwh), com a qual geralmente Deus se apresenta (Gn 28,15; Ex 3,14; 6,2.29; Ez 20,5). Em Betel, por exemplo, Deus se revela a Jacó dizendo: ‘Eu, o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaac’ (Gn 28,13). Com esta fórmula, ele se manifesta para dar fundamento à sua palavra (Ex 20, 2.5), para dar testemunho das grandes obras realizadas na história (Ex 6,7; 7,5.17), para sublinhar a sua unicidade (Is 45,5.6.18.21.22; 49,9). Em todos esses casos, a fórmula, traduzida na LXX pelo sintagma Ἐγώ ειμι, é normalmente seguida de uma especificação e raramente aparece na forma absoluta<sup>53</sup>.*

Não analisaremos “ἐγώ ειμι/eu sou”, em sua forma absoluta, mas apenas as sete ocorrências seguidas por predicado nominal, como indicado, visto que elas especificam a autorrevelação de Jesus Cristo. Ademais, abordaremos a temática não segundo a ordem sequencial encontrada nos capítulos do IV Evangelho, mas sim, segundo um possível significado crescente de cada um dos predicados, iniciando por “Cristo Caminho” até “Cristo Ressuscitado”. Por isso, a sequência a seguir é diferente daquela que aparece ao longo do Evangelho: 1) Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6); 2) Eu sou a luz do mundo (Jo 8,12); 3) Eu sou o bom pastor (Jo 10,14); 4) Eu sou a porta verdadeira (Jo 10, 7-9); 5) Eu sou a videira (Jo 15, 1-5); 6) Eu sou o pão da vida (Jo 6,35.48.51); 7) Eu sou a ressurreição e a vida (Jo 11,25). Em todas as sete ocorrências, encontra-se a fórmula “ἐγώ ειμι”, que aparece em Ex 3,14, como possível base veterotestamentária comum para as sete especificações da identidade de Jesus Cristo no IV Evangelho.

1. “ἐγώ ειμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή/eu ou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6a). “Caminho”, segundo Mateos e Brreto, é um conceito relativo, subordinado a um termo, que conduz. “Verdade”, no que lhe concerne, é conceito adjetivo, que supõe um conteúdo e a ele se refere. A verdade, no entanto, tem como proporção a *vida* (Jo 1,4). O dom total de Jesus é vida e verdade em plenitude, é o caminho onde o homem acha a

<sup>52</sup> RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Do Batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2018. p. 292-293.

<sup>53</sup> CASALEGNO, Alberto. *Para que contemple a minha Glória (João 17,24)*. Introdução à Teologia do Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2009. p. 216-217.



plenitude de Deus. Jesus é verdade dos que possuem a vida, Ele os conduz ao pleno desenvolvimento de comunhão. “O caminho ficou expresso em seu mandamento (Jo 13,34s); a verdade era ‘o seu barro’ que pusera nos olhos do cego (Jo 9,6); a vida é o Espírito que comunica” (Jo 7,37-39)<sup>54</sup>. Deste modo, Jesus afirma “ninguém vem ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6b). Isso porque, Jesus Cristo explica “que ele próprio é o caminho para o Pai, porque é a verdade encarnada acerca do Pai e dá a vida do alto aos homens. Só ele é a fonte de conhecimento a respeito do Pai”<sup>55</sup>.

Conhecer Jesus é conhecer o caminho e a verdade que conduzem à vida plena. O povo de Israel, seguindo as exortações de Moisés, associava o caminho geográfico com a prática da palavra de Deus (Dt 7, 17-21; 8,2; Js 1,6-9); acompanhar Jesus e conhecer sua prática são o verdadeiro caminho que leva ao Pai<sup>56</sup>. No conceito que a verdade é a dinâmica de comunhão que une o Pai e o Filho, Jesus revela esta comunhão plena, perceptível e atingível. Não é uma verdade enquanto conceito que apenas se conhece, mas uma realidade que se acolhe, “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9), que se constrói, porque transmite a própria realidade de Deus, em Jesus está e age o Pai<sup>57</sup>. Por isso, o ser humano não consegue conhecê-la por si só, é preciso humildade e fé; o conhecimento de Deus se dá na manifestação histórica de Jesus. A verdade “deve ser buscada com fé, auscultada, não conquistada. Parte da iniciativa divina”<sup>58</sup>.

2. “ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου· ὁ ἀκολουθῶν ἐμοὶ οὐ μὴ περιπατήσῃ ἐν τῇ σκοτίᾳ./*eu sou a luz do mundo, quem me segue não anda nas trevas*” (Jo 8,12). Ao afirmar: “Eu sou a luz do mundo”, Jesus faz uma autoapresentação, seguida de um convite e uma promessa aos seus discípulos, “quem me segue não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). O termo luz é muito importante ao IV Evangelho (Jo 1,4-5.9; 3,19; 9,5; 12,46). A autorrevelação de Jesus como luz, segundo Beutler<sup>59</sup>, tem fundamentação veterotestamentário judaico: “O Senhor é minha luz e salvação, a quem temerei?” (Sl 27,1). Este salmo exprime a crença de Israel em Deus.

<sup>54</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 601.

<sup>55</sup> BROWN, Reymond Edward. *Evangelho de João e Epístolas*. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 123.

<sup>56</sup> KONINGS, 2005, p. 272.

<sup>57</sup> BULTMANN, 2021, p. 447.

<sup>58</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 423.

<sup>59</sup> BEUTLER, 2016, p. 220.



Do Servo do Senhor se diz: “destinei-te a ser luz das nações, para que minha salvação alcance os confins da terra” (Is 49,6). Assim, na metáfora da luz em João transparece quem é a pessoa de Jesus. A palavra de Deus, sua lei, é a luz que conduz quem aceita sua instrução (Sl 119,105; Pr 6,23); luz que se revela as nações (Ez 1,4; 13,26-28), a luz da salvação (Hab 3,3-4; Sl 43,3). Carson observa que, com esta declaração, Jesus se revela, “pois, a luz não pode senão atestar sua própria presença; dito de outra forma, ela dá testemunho de si mesma, e sua fonte é inteiramente apoiadora daquele testemunho”<sup>60</sup>.

O termo “φῶς/luz” é um dos elementos que acompanham a manifestação do Messias na literatura rabínica. Segundo Castro Sánchez, alguns rabinos chegaram a afirmar que o nome do Messias seria Luz<sup>61</sup>. Assim, a afirmação de Jesus está perfeitamente ambientada na cultura religiosa judaica. A metáfora evoca “o dia do Senhor”, sem ocaço, de luz permanente para todas as nações (Zc 14,6-8; Ap 21,23–22,5). Como o povo de Israel foi guiado no deserto por uma nuvem, agora Jesus guia e faz sair das trevas a humanidade, aqueles que creem em sua luz, aqueles que creem em seu nome tornam-se filhos de Deus (Jo 1,12), alcançar o esplendor da sua luz<sup>62</sup>. Desde o início do seu Evangelho, João apresenta Jesus com luz que brilha, em oposição às trevas que tentam sufocá-la (Jo 1,5). Desmascarando os simpatizantes das trevas, Jesus declara que “quem me seguiu não caminhará nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 12,8). Isso em plena festa das Tendões que inclui a luz como um dos seus grandes símbolos.

3. “ἐγὼ εἶμι ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς καὶ γινώσκω τὰ ἐμὰ καὶ γινώσκουσίν με τὰ ἐμὰ/*eu sou o bom pastor; conheço minhas ovelhas*” (Jo 10,14). Esta forma absoluta “ἐγὼ εἶμι/*eu sou*” seguida do predicado o “ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς/*o bom pastor*” (vv.11 e 14). O termo grego καλὸς, belo, significa, semelhantemente, bom. Segundo Perkins<sup>63</sup>, tem sentido de nobre, ideal, bom em alguma coisa. Jesus doa sua vida pelas ovelhas (Mc 14,27), faz menção a Zc 13,7, à morte do pastor e à dispersão do rebanho. Em Jo 10,14, o verbo “γινώσκω/*conhecer*” é tipicamente joanino, mencionando o relacionamento entre Jesus e os seus discípulos, à semelhança do

<sup>60</sup> CARSON, 2007, p. 339.

<sup>61</sup> CASTRO SÁNCHEZ, 2021, p. 191.

<sup>62</sup> CARDONA RAMÍREZ, 2015, p. 104.

<sup>63</sup> PERKINS, Pheme. Evangelho Segundo João. In: BROWN, Raymond Edward; FITZMYER, Joseph; MURPHY, R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Paulos, 2018. p. 731-816, p. 782.



relacionamento existente entre Ele e o Pai. Este conhecimento tem a ver apenas com o seu rebanho. A segurança da salvação consiste em sermos conhecidos por Deus como somos (Jo 10,14; 2Tm 2,19). Alguns injustos fingem conhecer a Deus, no entanto não são conhecidos por Ele e estão perdidos (Mt 7,23)<sup>64</sup>. A vida eterna consiste em conhecer o único Deus verdadeiro e o seu enviado Jesus Cristo (Jo 17,13).

O conhecimento que une Jesus as suas ovelhas é o vínculo do amor. Para Léon-Dufour, é o mesmo conhecimento existente entre o Filho e o Pai, ou seja, o amor de Jesus Cristo e a sua missão procedem deste íntimo conhecimento (1Jo 3,16); o amor em questão consiste no despojamento de Jesus em doar sua vida pela humanidade<sup>65</sup>. O verbo conhecer aparece quatro vezes nos vv.14-15. Bruce observa que, no presente gnômico de γινώσκω, em sentido geral, desassociado do tempo: “o conhecimento especial que o Pai e o Filho têm um do outro na ordem eterna (Mt 11,27; Lc 10,22) é ampliado para incluir aqueles a quem o Filho chama seus”<sup>66</sup>.

O amor, inclusivo e mútuo de Jesus, torna o discípulo amado pelo Pai e conhecedor da revelação divina (Jo 14,21.23; 15,9). Na história, o gênero usado para se referir a “minhas ovelhas” é neutro, dando ênfase aqueles aos quais são seus: “o Senhor conhece os que lhe pertencem” (2Tm 2,19). O conhecimento em João não é unicamente intelectual, pois de acordo com Brown: “implica cuidado e amor, veremos que essa imagem não fica muito distante do terno cuidado do rebanho em (Ez 43,16; Is 40,11)”<sup>67</sup>. Conhecer, amar e doar a vida são características próprias do “Eu sou o Bom Pastor”.

4. “ἐγώ εἰμι ἡ θύρα τῶν προβάτων/eu sou a porta verdadeira. *Quem entrar por ela será salvo*” (Jo 10,7-9). “Eu sou a porta das ovelhas” (Jo10,7.9). Jesus se autoproclama ser a porta das ovelhas. Segundo Orlando, diz repetido à porta que dá para o templo que é o local do encontro com Deus<sup>68</sup>. Indica que Jesus é o lugar através do qual o homem não só se encontra com Deus, porém é o lugar onde Deus se encontra com a humanidade. No entanto, Jesus não é a porta que aprisiona, mas que

<sup>64</sup> PÉREZ MILLOS, 2016, p. 1006.

<sup>65</sup> LEON-DUFOUR, 1996b, p. 259.

<sup>66</sup> BRUCE, 2011, p. 197.

<sup>67</sup> BROWN, Reymond Edward. *Comentário ao Evangelho Segundo João I*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2020a. p. 676.

<sup>68</sup> ORLANDO, 2022, p. 168.



liberta, permite entrar e sair. Todavia é a única porta de salvação, Ele é a porta das e para as ovelhas, não há outra possibilidade pela qual o homem possa ser salvo, porque existe uma só porta, como há um só caminho: Jesus o único “Bom Pastor” que conduz à vida plena<sup>69</sup>.

Os símbolos usados por João são meios para destacar a finalidade soteriológica de Cristo. De acordo com Bruce, “eu sou a porta não é muito diferente de ‘eu sou o caminho’ (Jo 14,6); é natural chamar Jesus de porta ou caminho para a salvação”<sup>70</sup>. Ele é a porta verdadeira porque põe o homem em comunhão com Deus que ama tanto o mundo que entrega seu unigênito, a fim de que todo que nele crê não morra (Jo 3,16). Para Hendriksen, “a fé em Cristo como o Filho de Deus é a única porta de entrada. E esta fé é confiança pessoal plena nele e em sua expiação substitutiva”<sup>71</sup>.

A metáfora da porta pode ser um símbolo messiânico extraído do Sl 119,20. Perkins<sup>72</sup> observa que outros versículos deste salmo foram utilizados no protocristianismo dando ênfase às profecias messiânicas (Jo 12,13; Mc 1,10; Mt 23,39). João não tem dúvida que Jesus Cristo é a única fonte de salvação. Exatamente porque “se, pois, o Filho vos libertar, sereis realmente livres” (Jo 8,36). A liberdade que procede do Filho de Deus transpõe o homem da submissão à lei, da consciência pesada do pecado para a experiência da graça que rompe com o jugo e a cadeia da escravidão (Mt 11,30)<sup>73</sup>.

Jesus é a porta solene do novo templo (Jo 3,19-21), a porta do encontro (Nm 17,17) e da graça: “bendito serás tu ao entrares, e bendito serás tu ao saíres” (Dt 28,6). Jesus é liberdade do homem honroso em entrar e sair (1Sm 29,6), visto que a porta que não só do acesso à vida, no entanto se revela como sendo a possibilidade da plenitude, por ser Jesus verdade e vida em abundância a todos que n’Ele crê<sup>74</sup>. João não tem dúvida de que Jesus é o protótipo vital de todo homem. Ratzinger observa que, “só existe o único dom da vida e Ele pode dá-lo, porque n’Ele está presente a vida de Deus na sua plenitude mais originária e inesgotável”<sup>75</sup>.

<sup>69</sup> PÉREZ MILLOS, 2016, p. 998.

<sup>70</sup> BRUCE, 2011, p. 196.

<sup>71</sup> HENDRIKSEN, 2014, p. 404.

<sup>72</sup> PERKINS, 2018, p. 782.

<sup>73</sup> PÉREZ MILLOS, 2016, p. 999.

<sup>74</sup> CASTRO SÁNCHEZ, 2021, p. 238-239.

<sup>75</sup> RATZINGER, 2018, p. 297.





5. “ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος, ὑμεῖς τὰ κλήματα/*eu sou a videira e vós sois os ramos*” (Jo 15,1-5). Os termos videiras ou vinhas aparecem em várias parábolas nos Evangelhos Sinóticos como metáfora de Israel (Mt 20,1-16; 21,23-41; Mc 12,1-9; Lc 13,6-9; 20,9-16), também fazendo menção a beber do fruto da videira (Mt 26,29; Mc 15,25; Lc 22,18). Segundo Carson, no AT, a videira é o símbolo de Israel (Sl 80,9-16; Is 5,1-7; 27,2s; Jr 2,21; 12,10s; Ez 15,1-8; 171-21; 19,10-14; Os 10,1). Deste modo, todas às vezes que Israel histórico é mencionado com este título sempre realça seu fracasso. Jesus é o contraste do povo da Aliança, Ele é a verdadeira e fiel videira<sup>76</sup>.

No AT há uma mensagem positiva da videira na bênção de Jacó a seu filho Judá (49,10-12). O tempo messiânico é descrito como época de abundância e obediência dos povos. O autor do IV Evangelho, ao descrever Jesus afirmando: “Ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή/*Eu sou a videira verdadeira*” (Jo. 15,1), de acordo com Fabris e Maggioni, opõe-se aos mitos do sincretismo do mundo helênico, que exercia influência fascinante no seu tempo<sup>77</sup>. Os sincretistas helenistas acreditavam que a videira é uma nuance da árvore da vida. João afirma que Jesus, não outros, é capaz de dar ao homem aquela vida que anda procurando.

Esta afirmação de Jesus, “Eu sou a videira verdadeira” (Jo 15,1), contrapõe a imagem veterotestamentária. Segundo Mateos e Barreto, agora a vinha é Ele, o novo povo são os sarmentos. “ἐγώ εἰμι ἡ ἄμπελος, ὑμεῖς τὰ κλήματα/*eu sou a videira, vós os ramos*” (Jo 15,5). “Já não há povo de Deus a não ser o que se construir a partir de Jesus”<sup>78</sup>. Por isso, a perícopie Jo 15,1-8 é fortemente marcada pela metáfora da videira e pelo verbo “μένω/*permanecer*”. Como afirma Beutler, “os verbos ocorrem principalmente na 3ª pessoa ou na 2ª pessoa do plural; a Jesus como orador corresponde a 1ª pessoa do singular”<sup>79</sup>.

Nesse processo dinâmico e crescente, João apresenta Jesus como a videira, o Pai como a agricultor, os discípulos unidos a Cristo como os ramos hábeis a produzirem fruto. O “ἐγώ εἰμι/*eu sou*” em João ganha um predicado e um sentido novo e autêntico: “ἡ ἄμπελος ἡ ἀληθινή/*a videira verdadeira*” (15,1). Para Malzoni, “o AT fornece matéria-prima

<sup>76</sup> CARSON, D. A., 2007, p. 514.

<sup>77</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 429.

<sup>78</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 624.

<sup>79</sup> BEUTLER, 2016, p. 362.



a partir do qual o evangelista expressa sua própria cristologia”<sup>80</sup>. Nessa perspectiva em que a videira é Jesus, o novo povo de Deus só pode subsistir em comunhão com Ele, a exemplo da sua unidade com o Pai.

6. “ἐγὼ εἶμι ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς/*eu sou o pão da vida*” (Jo 6,35.48.51). João faz essa descrição pensando na teologia veterotestamentária para mostrar a superioridade de Jesus, o Filho de Deus. Para tanto, segundo Castro Sánchez, faz alusão à Lei e ao maná, ou seja, à fome e à sede do povo que maldiz a Deus em sua exposição ao perigo da morte (Ex 16,4s; Sl 78,34; Ex 15,24; 17,3; Nm 20,2)<sup>81</sup>. No AT o maná era chamado de pão do céu (Ne 9,15; Ex 16,15; Nm 11,7-9; Sl 78,24). Mateos e Barreto observam que o maná é passado, enquanto Jesus, o pão de Deus, é presente e comunica permanentemente a vida nova, exatamente porque Ele procede do Pai.

O próprio Jesus é o Pão que dura para sempre, porque Ele é o dom do amor do Pai. João demonstra a superioridade de Jesus frente à lei e à sabedoria veterotestamentária. Le-se no AT: “os que me comem terão ainda fome, os que me bebem terão ainda sede” (Eclo 24,21), ao passo que Jesus sacia para eternidade (Jo 4,13-14)<sup>82</sup>. Ou seja: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, não terá fome e quem crê em mim nunca mais terá sede” (Jo 6,35). É a primeira vez que aparece no IV Evangelho a fórmula “ἐγὼ εἶμι/*eu sou*” com um predicado, especificando aqui: “ὁ ἄρτος τῆς ζωῆς/*o pão da vida*”. Segundo Malzoni, “assim com a Sabedoria, Jesus convida aquele que tem fome e sede para que venha, coma e beba (Pr 9,5; Eclo 15, 3; 24,21)”<sup>83</sup>.

Por isso, Jesus pode afirmar: “ἐγὼ εἶμι ὁ ἄρτος ὁ ζῶν/*eu sou o pão vivente*” (Jo 6,51), o “descido do céu”. Em João o episódio revela a origem divina e a dimensão salvífica de Jesus. O pão não se refere somente à palavra de Jesus, mas também à sua carne. De acordo com Fabris e Maggioni, “certamente uma alusão ao sacramento, mas antes disso uma revelação profunda de Cristo e, portanto, do homem: ser existência em doação”<sup>84</sup>. Jesus explica que Ele é “o pão vivente”, porque doa sua própria “carne”. Segundo Könings, o termo esclarece a respeito

<sup>80</sup> MALZONI, 2018, p. 225.

<sup>81</sup> CASTRO SÁNCHEZ, 2021, p. 151.

<sup>82</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 336-338.

<sup>83</sup> MALZONI, 2018, p. 135.

<sup>84</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 346.



do caráter concreto e histórico que se doa na cruz, a essa existência de Jesus; o escrito joanino prefere chamar carne (Jo 1,14; 1Jo 4,2), que doa vida ao mundo<sup>85</sup>.

Não é só em contraste com o alimento perecível que Jesus se intitula “pão vivo”, no v.35, em oposição ao v.27. Bruce observa que Ele é o pão da vida, porque é o Filho de Deus que liberta do poder da morte, no que lhe concerne, o Filho de Deus foi enviado, para que o mundo seja salvo por ele (Jo 3,17)<sup>86</sup>. Há dois tipos de alimentos: o material e o espiritual, porém o único alimento vivificante é o *Logos* de Deus, “o pão vivente que desceu do céu” (v.51). Segundo Cardona Ramírez, o alimento material dá vida ao corpo biológico, ao passo que o Verbo de Deus é eterno, esta é a definição da palavra de Deus no AT<sup>87</sup>: “o homem não vive apenas de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Dt 8,3). Este verbo assumiu a carne e habitou no meio dos homens (Jo 1,14).

7. “ἐγώ εἰμι ἡ ἀνάστασις καὶ ἡ ζωὴ·/eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25). Jesus não se apresenta apenas como uma futura ressurreição, mas como a experiência humana da ressurreição e de vida nova, onde a possibilidade da vida eterna é comunicada. Jesus tendo vida em Si mesmo, sendo a residência comunicativa da vida, pode dá-la a todo aquele que crê, mesmo que esta seja condicionada pela morte física, como foi o caso de Lázaro<sup>88</sup>. A morte e a subsequente ressurreição do amigo de Jesus servem de paradigma e esperança da vida eterna a todos os que depositam sua fé em Cristo. Ele não é apenas alguém que ressuscita Lázaro, Ele é as primícias da vida, “ἐγώ εἰμι ἡ ἀνάστασις/ eu sou a ressurreição”, exatamente porque “ἐγώ εἰμι ἡ ζωὴ·/eu sou a vida”.

São dois predicados que asseguram a Jesus a autoridade de afirmar: “quem crê em mim, ainda que morra viverá” (Jo 11,25b). Eles soam como uma antecipação da promessa feita no discurso de despedida: “porque eu vivo vós também vivereis” (Jo 14,19). Este episódio é uma antecipação da ressurreição do próprio Cristo e a dos que n’Ele crê<sup>89</sup>. Duas são as promessas feitas por Jesus: a primeira diz respeita ao que crê em Cristo e morre, à semelhança de Lázaro, a esse, Jesus afirma viverá (Jo 11,25);

<sup>85</sup> KONINGS, 2005, p. 160.

<sup>86</sup> BRUCE, 2011, p. 143.

<sup>87</sup> CARDONA RAMÍREZ, 2015, p. 82.

<sup>88</sup> PÉREZ MILLOS, 2016, p. 1094.

<sup>89</sup> BRUCE, 2011, p. 210-211.



a segunda diz sobre àquela a pessoa que crê em Jesus e vive, conforme a palavra este “jamais morrerá” (Jo 11,26)<sup>90</sup>.

Com a frase “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11,25), João apresenta uma ressurreição plena ou realizada na humanidade assumida por Jesus Cristo. Não se trata de uma ressurreição que acontecerá no último dia. Casalegno observa que “não é, portanto, preciso esperar os tempos escatológicos, porque por meio dele a vida e a ressurreição começam a irradiar-se na história”<sup>91</sup>. Conforme o próprio Jesus: “em verdade, em verdade, vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem vida eterna, não é julgado, mas passou da morte para a vida” (Jo 5,24).

O primeiro predicado, ressurreição, é dependente do segundo, a vida. Segundo Mateos e Barreto, “a vida comunicada ao homem é o próprio Jesus, por ser o seu próprio Espírito, a presença de Jesus e do Pai naquele que o aceita e se atém à sua mensagem” (Jo 14,23)<sup>92</sup>. O sujeito “eu sou” e os seus predicados permutáveis alcançam aqui o ápice da revelação do Filho de Deus. Jesus é a ressurreição e a vida, ou seja, a ressurreição e a vida estão entranhadas n’Ele, (Rm 6,8-9; 1Cor 15,20.57; Cl 1,18; 1Ts 4,16). Segundo Hendriksen, “observe a ordem: primeiro a ressurreição; depois, a vida, porque a ressurreição abre a porta para a vida imortal”<sup>93</sup>. Isto é, Jesus é a vida em pessoa em quem se encontra todos os atributos, os ditos e os inauditos da glória de Deus em favor dos homens, os seus bem-amados.

## Considerações finais

Após analisar a figura de Jesus, “ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς /o bom pastor”, sendo uma das sete ocorrências do “ἐγὼ εἶμι/eu sou”, constatou-se que ele é “o Bom Pastor”, porque comunicou a vida aos seus. Jesus foi o único autorizado do Pai, aquele que entrou pela porta. Chamou cada uma de suas ovelhas pelo nome e as conduziu à liberdade e à vida plena. Ele não foi simplesmente mais um em Israel, mas sim o pastor exemplar que se entregou por suas ovelhas. Demonstrou ser porta da performance do

<sup>90</sup> MALZONI, 2018, p. 204.

<sup>91</sup> CASALEGNO, Alberto. “É o Senhor!” (Jo 21,7). Estudo dos Relatos da Ressurreição no Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2013. p. 180.

<sup>92</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 477.

<sup>93</sup> HENDRIKSEN, 2014, p. 450.



Reino, o êxodo do homem livre para entrar e sair, e por ele ser salvo na plenitude do prado eterno. No recíproco conhecimento com o seu rebanho, em comunhão com o querer do Pai. Jesus entregou-se ao desígnio do Pai, por iniciativa própria, na absoluta obediência e liberdade. Ao morrer revelou o dom da vida, justamente por cumpriu o mandamento do amor que recebeu do Pai.

A imagem do “Bom Pastor” é eminentemente bíblica, derivada da cultura na qual a Bíblia sobreveio. O Evangelista, usando a expressão clássica veterotestamentária, apresentou Jesus “Bom Pastor”, que doa o seu ser, “arrisca a sua vida” (Jz 12,3). Valeu-se da linguagem bíblica com sua rica simbologia (Sl 23; 74,1; 78,52; 79,13; Is 40,11; Jr 23,1-4; 31,10; Ez 34). Jesus, o “Bom Pastor”, doa a suas ovelhas mais que as faturas (Sl 22; Ez 34), pois dá-lhes liberdade e o prado eterno. No AT, Deus, o pastor verdadeiro, era contrastado várias vezes com os pastores infiéis. Esta terminologia não era aplicada somente aos reis e sábios, mas também a Deus e a seu Filho, o Messias davítico<sup>94</sup>. A perícopes Jo 10,1-18, como afirma Carson, está em consonância com passagens veterotestamentárias em que Deus e o seu servo Davi são esperados como aqueles que resolveriam definitivamente as adversidades do seu povo<sup>95</sup>.

Assim sendo, Jesus é “a porta” que dá acesso à salvação, a vida eterna depende d’Ele, o verdadeiro Pastor, o autorizado do Pai que entra na história humana, orienta com sua palavra e conduz na liberdade à vida plena. Jesus, o “Bom Pastor”, foi além das expectativas veterotestamentárias. Pois, Ele tem autoridade de doar a vida pelas ovelhas, este é o distintivo, o incomum às outras figuras (Jo 10,17-18). Ele tem o poder de, na obediência e comunhão de vontade com o Pai, morrer e ressuscitar como princípio de vida abundante a todo que ouve e segue sua voz<sup>96</sup>. Jesus, ao contrário do mercenário, do lobo e do ladrão, doou sua vida pelo bem da humanidade e uniu os dispersos no conhecimento de Si, a exemplo do conhecimento que há entre o Filho e o Pai. Em sua morte voluntária e obediente, Jesus transformou-se em doador de vida plena<sup>97</sup>.

Jesus se autoafirmou, ancorado nas Escrituras de Israel, como o “ἐγώ ειμι/eu sou” (Ex 3,14). No presente artigo analisou-se as sete

<sup>94</sup> BEALE; CARSON, 2014, p. 580.

<sup>95</sup> CARSON, D. A., 2007, p. 382.

<sup>96</sup> FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 384-386.

<sup>97</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 446.



ocorrências em que ἐγώ εἰμι com predicados, presentes no IV Evangelho, tendo como espinha dorsal a afirmação de Cristo como “ἐγώ εἰμι ὁ ποιμὴν ὁ καλὸς/ *eu sou o bom pastor*” (Jo 10,14). Isto proporcionou constatar que a expressão “ἐγώ εἰμι/ *eu sou*” transcende o tempo e o espaço e que Jesus não era apenas mais um profeta, mas sim o Filho eterno, o “Bom Pastor”, a exemplo do Pai. Segundo Ratzinger, “Jesus dá-nos a ‘vida’, porque Ele nos dá Deus. Ele pode dá-Lo, porque Ele mesmo é um só com Deus. Porque Ele é o Filho de Deus Ele mesmo é o dom – Ele é a vida”<sup>98</sup>. Este é o dom que Jesus recebeu do Pai, “o maior do que todos” (Jo 10,29), e comunicou aos homens, certo de que “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

### Referências bibliográficas

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *O Texto do Novo Testamento*. Introdução às Edições Científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da Moderna Crítica Textual. São Paulo: SBB, 2013.

BEALE, Gregory K.; CARSON, Donald Arthur. *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEUTLER, Johannes. *O Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 2016.

BOOR, Werner de. *Evangelho de João I*. Comentário Esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 2002.

BORING, M. Eugene. *Introdução ao Novo Testamento*. História, Literatura e Teologia. Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2016.

BROWN, Reymond Edward. *Evangelho de João e Epístolas*. São Paulo: Paulinas, 1975.

BROWN, Reymond Edward. *Comentário ao Evangelho Segundo João I*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2020a.

BROWN, Reymond Edward. *Comentário ao Evangelho Segundo João II*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2020b.

BRUCE, Frederick Fyvie. *João. Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

<sup>98</sup> RATZINGER, 2018, p. 298.



BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2021.

CARDONA RAMÍREZ, Hernán. *El Evangelio Según San Juan*. Rasgo Bíblico y Teológico. Medellín: UPB, 2015.

CARSON, Donald Arthur. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd, 2007.

CARVALHO, Adriano da Silva. *A Crítica e o Texto do Novo Testamento*. São Paulo: Reflexão, 2017.

CASALEGNO, Alberto. “*É o Senhor!*” (Jo 21,7). Estudo dos Relatos da Ressurreição no Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2013.

CASALEGNO, Alberto. *Para que contemple a minha Glória (João 17,24)*. Introdução à Teologia do Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2009.

CASTRO SÁNCHEZ, Secundino. *Evangelio de Juan*. Compensión Exegético-existencial. Burgos: Fonte, 2021.

FABRIS, Reinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (II)*. São Paulo: Loyola, 1992.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. *Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015. p. 201-235.

HENDRIKSEN, William. *João*. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.

JAUBERT, Anne. *Leitura do Evangelho Segundo João*. Caderno Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1982.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João*. Amor e Fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João I*. São Paulo: Loyola, 1996a.

LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João II*. São Paulo: Loyola, 1996b.

MALZONI, Cláudio. Volney. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.



MARCHESELLI, Maurizio. *Il Quarto Vangelo*. La testimonianza del “discepolo che Gesù amava”. Reggio Emilia, San Lorenzo, 2012.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. Análise Linguística e Comentário Exegético. São Paulo: Paulinas, 1989.

METZGER, Bruce M. *Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego*. Brasil: Sociedades Bíblicas Unidas, 2005.

ORLANDO, Luigi. *Giovanni – Il Vangelo della Vita*. Bari: Ecumenica Editrice Scrl, 2022.

PÉREZ MILLOS, Samuel. *Juan*. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona, 2016.

PERKINS, PHEME. Evangelho Segundo João. In: BROWN, Reymond Edward; FITZMYER, Joseph; MURPHY, R. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Paulos, 2018. p. 731-816.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré*. Do Batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Planeta, 2018.

SCHMITZ, Ernst Dieter. A Terminologia Conhecimento em João. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova 2000, p. 392-405.

SIMOENS, Yves. *Secondo Giovanni*. Una traduzione e un'interpretazione. Bologna: EDB, 2002.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.